



Narrativas de subjetividade, jornalismo e midiatização¹

Narratives of subjectivity, journalism and mediatization

Demétrio de Azeredo Soster

Palavras-chave

Midiatização, Narrativas, Subjetividade, Jornalismo, Sentidos

Key words

Mediatization, Narratives, Subjectivity, Journalism, Senses

1 Delimitações iniciais

Este resumo expandido parte do pressuposto de que a processualidade da midiatização afeta as narrativas jornalísticas de subjetividade, midiatizando-as. Narrativas jornalísticas são modelos narrativos que têm no singular sua categoria estruturante, e que relatam seus enunciados em um suceder temporal, encaminhados para um desfecho, sendo marcados, neste movimento, pela sucessão de estados de transformação (Reis, 2023; Leal, 2022; Motta, 2013; Lopes, Reis, 1988). As narrativas jornalísticas são consideradas “de subjetividade”, segundo Moraes (2022), quando a) subvertem valores-notícia e critérios de objetividade, b) abrem espaço para novas (ou sufocadas) representações — minorias, segregados, esquecidos, enfermos etc. —, c) se assumem ativistas, d) representam um jornalismo mais “íntegro” e mais “integral” — ser mais íntegro é ser mais digno de respeito; mais integral, mais interessante, mais repleto de informações, mais “nutritivo” —, e, finalmente, e) se debruçam sobre outros critérios de objetividade — posições de classe, gênero, geográficas, raciais, grupais;

¹ Trabalho apresentado ao VI Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais. POSCOM-UFSM. Santa Maria, RS.



estrutura social. Mas, também, quando elevam “subjetividades”, caso das lágrimas, sorrisos e sentimentos dos entrevistados, à condição de informação jornalística.

Partimos do pressuposto de que estes modelos de narrativa, que chamaremos doravante de narrativas jornalísticas de subjetividade, são afetados pela processualidade da midiatização, midiatizando-se, quando se transformam em fenômenos midiáticos. Sabemos, a partir de Verón (2013), que, para algo, caso de uma narrativa, se tornar um fenômeno midiático, são necessárias três condições: ser dotado de 1) autonomia, 2) persistência e, finalmente, 3) historicidade. Haverá autonomia quando se desprender dos processos de enunciação, o que se tornará possível quando for capturada por um dispositivo tecnológico (gravador, câmera fotográfica, papel etc.). Em tendo autonomia, passa a ter, também, persistência, ou seja, duração no tempo, o que permite que estabeleça relações e provoque, neste movimento, transformações, gerando historicidade. Por historicidade, vamos compreender as transformações de estado que ocorrem nestas condições processuais a partir do momento em que as referidas narrativas são acessadas por alguém.

É o que ocorreu, a título de ilustração, quando a jornalista Fabiana Moraes escreveu, ainda em 2011, para o Jornal do Commercio (Imagem 1), de Pernambuco, uma série de reportagens intituladas “O nascimento de Joicy²”, que, mais tarde, se transformariam em livro, homônimo. Trata-se, as reportagens, da cobertura que Moraes realizou, ao lado dos fotógrafos Rodrigo Lobo e Hélia Scheppa, durante cinco meses, do processo de transformação do agricultor João Batista Melo da Silva, de 51 anos, em Joicy, às 12h30 do dia 22 de novembro de 2010, no Hospital das Clínicas, na Cidade Universitária, Recife, após uma cirurgia de mudança de sexo.

² Disponível em: [https://www.academia.edu/43954361/O_Nascimento_de_Joicy_Reportagem_Especial]. Acesso em: 14 de março de 2023.



IMAGEM 1: Reportagem especial



Fonte: Internet

O que a jornalista e os fotógrafos fizeram, ao longo do tempo que durou a cobertura, foi registrar, em dispositivos como bloco de anotações, gravadores e câmeras fotográficas, informações e imagens de toda a natureza, dotando-os de autonomia. Eles passaram a ter persistência — existir fisicamente no tempo — a partir do momento em que foram publicados nas páginas do Jornal do Commercio, transformando-se, assim, em fenômenos midiáticos, o que lhes emprestou historicidade à medida que as informações eram lidas. Seguindo o raciocínio, podemos afirmar que, quando uma narrativa se transforma em fenômeno midiático, caso da história de Joicy, estabelece as bases para a mídiatização; ou seja, para a materialização, e circulação, por meio do uso de dispositivos técnicos, e inserção na discursividade midiática, dos sentidos produzidos pelas cadeias de semiose envolvidas no processo.

Até aqui, nenhuma grande novidade: toda comunicação humana, sabemos, é mediada por uma tecnologia, seja biológica (a língua, as cordas vocais etc.) ou maquínica (gravadores, máquinas fotográficas etc.). O que muda, considerando a



Anais de Resumos Expandidos

VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

presença de dispositivos técnicos neste processo — as páginas de um jornal, por exemplo — é a escala por meio da qual isso ocorre; neste caso, em bases mais amplas que a comunicação face a face, e com maior potencial transformador, pensando-se na perspectiva espaço temporal e na geração de historicidade. Ainda no caso da reportagem “O nascimento de Joicy”, uma vez tendo se transformado em fenômeno midiático, passou a gerar historicidade à medida que circulava e era lida, provocando transformações e sendo transformado neste movimento, em decorrência da processualidade da midiatização. O livro “O nascimento de Joicy: transexualidade, jornalismo e os limites entre repórter e personagens” (Arquipélago, 2015), de Fabiana Moraes, igualmente, é a face mais visível desse movimento.

Observar o processo de transformação do nascimento de Joicy em fenômeno midiático é importante porque nos remete à inquietação inicial, ou seja, à necessidade de compreendermos como a processualidade da midiatização afeta as narrativas de subjetividade, midiatizando-as. Se, no caso da reportagem publicada no *Jornal do Commercio*, nos deparamos com uma narrativa referencial, na qual a transformação de um homem em mulher é o foco principal, o que temos, no livro, é a emergência de um modelo de jornalismo distinto daquele tributário do paradigma da objetividade. Ou seja, um jornalismo que traz, consigo, em essência, questões secularmente negligenciadas pela profissão, caso da subjetividade:

É preciso pensar em um jornalismo que se utilize, sem constrangimentos, da subjetividade, reconhecendo-a como um ganho fundamental na prática da reportagem e mesmo da notícia cotidiana. Nele, são considerados, e não negados, os elementos que escapam da “rede técnica” dessa área do conhecimento. Assume-se que não é possível dominar o mundo exterior — e o outro — em sua totalidade (independentemente de estarmos lidando com um “fato”, “fenômeno” ou “acontecimento”), mas que devemos, antes, incorporá-lo, dentro de nossas limitações, às práticas jornalísticas. (Moraes, 2015, p. 159).

Outro exemplo do que estamos afirmando é o trabalho que a jornalista Eliane Brum desenvolve desde 2006, pelo menos, quando publicou seu livro de estreia “A vida



Anais de Resumos Expandidos

VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

que ninguém vê” (Arquipélago, 2006), e mais tarde, com “O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real” (Globo, 2011), dentre outros títulos. Nos dois casos, e cada um a seu modo, Eliane Brum trata de transformar histórias de vida de pessoas desconhecidas em fenômenos midiáticos pelo viés do jornalismo de subjetividade, inicialmente como repórter do jornal Zero Hora; depois, da revista Época.

No caso de “A vida que ninguém vê”, a jornalista reuniu, e publicou, em coluna homônima, durante 11 meses, no formato de crônica, o perfil de 46 pessoas comuns em situações corriqueiras. A ideia, como o título sugere, era oferecer aos leitores de Zero Hora algo além de notícias, fortalecendo, dessa forma, por meio de valores como empatia e alteridade, vínculos diferenciados entre a publicação e seu público-alvo. É o jornalista Marcelo Rech, no prefácio, quem explica a relevância dessa escolha:

Fenômeno de percepção jornalística, Eliane iluminou um mundo recluso, obscurecido pela emergência da notícia, ou pela máxima de que, em jornalismo, a história só existe quando é o homem quem morde o cachorro. A série provou o contrário. Ao extrair reportagens antológicas de onde outros só enxergariam a mesmice, Eliane deu a zés e marias do Sul do Brasil a envergadura de personagens de literatura tolstoiana e reverteu um dos mais arraigados dogmas da imprensa. (2006, p. 14).

Dessa forma, ilustres desconhecidos, como Oscar Kulemkamp, “O colecionador de almas sobradas”; Jorge Luiz Santos de Oliveira, “O homem que come vidro”, e Alverindo, “O sapo”, se tornam personagens de jornal, em um primeiro momento, e, mais tarde, das páginas de um livro. Entre um momento e outro, suas histórias se desprendem de seus narradores, ganhando autonomia, e permanecem no tempo sob a forma de palavras impressas em folhas de jornal e livro, gerando historicidade. Ou seja, se midiatizam, transformando e sendo transformadas nesse movimento.

É no livro “O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real” (Globo, 2011), no entanto, que podemos observar, de forma mais clara, a processualidade da midiatização reconfigurando os relatos da jornalista Eliane Brum.



Anais de Resumos Expandidos

VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

Agora trabalhando na revista *Época*, de São Paulo, Eliane reúne, no livro, dez dentre as suas principais reportagens publicadas quando era repórter do semanário. O foco são personagens que usualmente não frequentam as páginas da imprensa — parteiras, moradores de asilo, favelados etc. —, salvo em momentos como crimes, tragédias e outros, ainda que em uma dimensão maior (a revista *Época* é de circulação nacional; o jornal *Zero Hora*, regional, restrito ao Sul do Brasil).

A abordagem é a mesma, ou seja, subjetiva: importa, antes, o que os personagens pensam e sentem do que acontecimentos em torno de si, caso deste excerto do capítulo “A casa de velhos”:

Solitário é Vicente, tão necessitado de companhia que de todos se afasta. Doce Vicente, que aos 97 anos ainda se ilude que é azedo. “Eu sou um sujeito metido a besta. Me sinto melhor que os outros mesmo sabendo que é um preconceito burro. E por isso me isolo”, confidencia. (2008, p. 97).

No livro, e diferentemente do que ocorreu com a revista, a jornalista Eliane Brum publica, ao final de cada capítulo, uma espécie de crítica ao próprio trabalho, questionando as escolhas que fez, suas decisões, pontos de vista etc. Após o “A casa de velhos”, por exemplo, e sob o título “Na minha mala de mão, um pedido de desculpas”, ela confessa, já no primeiro parágrafo, que:

“A vida inteira espremida numa mala de mão” é minha frase preferida entre todas as que escrevi nesta vida de jornalista. É uma imagem simples — e exata. Ela contém a reportagem, inteira, resume uma história que precisou de quase 10 mil palavras para ser contada. Essa frase espreme vinte anos de reportagem em uma mala de mão. Mas também um pouco mais: um pedido de desculpas. A Casa dos Velhos é uma de minhas reportagens preferidas — e é a que mais me dói. Ainda hoje ela dói muito. Porque errei feio. (2008, p. 124).

Qual foi, afinal, seu erro? Basicamente, publicar intimidades; detalhes da vida dos entrevistados, situações que não conheceríamos se Eliane Brum não as houvesse nos contado nas páginas do livro, e que tanto dissabor provocaram a ela e aos



personagens de sua reportagem. Se não as tivesse transformado em fenômenos midiáticos, portanto. Sob outro ângulo, se, de um lado, se trata de uma espécie de *mea culpa* da jornalista, um pedido de desculpas; podemos interpretar, também, esta estratégia discursiva, e aqui no diálogo com Fausto Neto (2006), como a oferta de “um novo padrão de confiança” entre a mídia (revistas, livros etc.) e seus leitores, um dos reflexos da afetação da midiatização sobre as narrativas jornalísticas:

Gerar tais mecanismos de confiança implica operações de sentidos que são constituídas e atravessadas por materialidades, no caso dos textos, que a seu turno se organizam numa situação comunicativa nos cenários midiáticos, à instância que faz vínculo entre produção e recepção. Os textos, em sua corporeidade, convertem os personagens-produtores dos discursos jornalísticos em tríplices sujeitos: atores-testemunhas-protagonistas, uma vez que são instituídos como referências que tratam de transformar as rotinas produtivas de “sistemas abstratos” em sistemas pedagogicamente constituídos em uma corporeidade própria. (2006, p. 49).

É sobre isso, de forma resumida, em essência, que se trata esta proposta de reflexão.

Referências

BENJAMIN. Walter. Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre a literatura e história da cultura. **Obras escolhidas I**. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BRUM, Eliane. **O olho da rua**: uma repórter em busca da literatura na vida real. São Paulo: Globo, 2008.

BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago, 2006.

GENETTE, Gérard. **Figuras III**. Barcelona: Lumen, 1988.

DEMO, Pedro. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2000.



Anais de Resumos Expandidos

VI Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

LEAL, Bruno Souza. **Introdução às narrativas jornalísticas**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2022.

MORAES, Fabiana. **A pauta é uma arma de combate**: subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumaniza. Porto Alegre: Editora Arquipélago, 2022.

MORAES, Fabiana. **O nascimento de Joicy**: transexualidade, jornalismo e os limites entre repórter e personagem. Porto Alegre: Editora Arquipélago, 2015.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília (DF), Editora da Universidade de Brasília, 2013.

NETO, Antônio Fausto. Mutações do discurso jornalístico: da ‘construção da realidade’ à ‘realidade em construção’. In: FELIPI, Angela; PICCININ, Fabiana; AUTORAUTOR. (org.) **Edição em jornalismo**: ensino, teoria e prática. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2006.

Prado Filho, K.; Teti, M. M. (2013). **A cartografia como método para as ciências humanas e sociais**. *Barbarói*, (38), 45-59. Disponível em: <<https://doi.org/10.17058/barbaroi.v0i38.2471>>. Acesso em: 18 de maio de 2023.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia Kastrup; ESCÓSSIA, Liliana. (Orgs.) **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

REIS, Carlos. **Dicionário de estudos narrativos**. Portugal, Coimbra: Almedina, 2018.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina. **Dicionário de teoria da narrativa**. São Paulo: Editora Ática, 1988.

SANTIAGO, Silviano. **Nas malhas da letra**. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

AUTOR, AUTOR et al. A emergência das Zonas Intermediárias de Circulação (ZICs) em uma perspectiva sistêmicodiscursiva. **Anais de Resumos Expandidos do Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais**, [S.l.], v. 1, n. 3, set. 2019-a. ISSN 2675-4169. Disponível em: <<https://midiaticom.org/anais/index.php/seminario-midiatizacao-resumos/article/view/881>>. Acesso em: 1 de outubro de 2022-a.



Anais de Resumos Expandidos
VI Seminário Internacional de Pesquisas
em Mídia e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

AUTOR, AUTOR et al. Os circuitos múltiplos e as Zonas Intermediárias de Circulação. **Anais de Resumos Expandidos do Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais**, [S.l.], v. 1, n. 2, set. 2019-b. ISSN 2675-4169. Disponível em: <<https://mediaticom.org/anais/index.php/seminario-midiatizacao-resumos/article/view/1001>>. Acesso em: 1 de outubro de 2022-b.

AUTOR AUTOR. As narrativas de bicicleta como fenômeno midiático e a emergência do narrador midiático. In PICCININ, Fabiana; AUTORAUTOR. **Narrativas Midiáticas Contemporâneas: Sujeitos, Corpos e Lugares**. Santa Cruz do Sul: Editora Catarse, 2019.

AUTOR, AUTOR. **QUESTÕES A circulação como instância reconfiguradora do jornalismo midiático** TRANSVERSAIS - REVISTA DE EPISTEMOLOGIAS DA COMUNICAÇÃO, v. 6, p. 113-120, 2018.

AUTOR AUTOR. **O quarto narrador, a mídia e as narrativas da violência**. Revista Intercom. On-line. In São Paulo, v.40, n.1, p. 41-58, jan/abr. 2017.

AUTOR AUTOR. **A literatura, o sistema midiático e a emergência do quarto narrador**. Signo (UNISC. Online), v. 1, p. 154-161, 2016.

AUTOR AUTOR. **A reconfiguração das vozes narrativas no jornalismo midiático**. Rizoma, Santa Cruz do Sul, v. 3, n. 1, p. 23, julho, 2015-a.

AUTOR AUTOR. O sistema como quarto narrador do jornalismo. In: Ana Carolina Rocha Pessôa Temer; Marli dos Santos. (Org.). **Fronteiras híbridas do jornalismo**. 1ed. Curitiba: Appris, 2015-b, v. 3, p. 161-176.